

**D. João**

**Guerra Junqueiro**

Enviado por:

Publicado em : 19/11/2010 13:12:02

O infame D. João é o torpe aventureiro  
Que dirige do amor as sórdidas roletas,  
fazendo tilintar a bolsa do dinheiro  
Quando passam na rua, à noite as Julietas.

É o rico burguês pançudo, escalavrado,  
E que, apesar de ter os dentes já corrutos,  
Sibarita cruel, fareja no mercado  
Da branca virgindade os mais soberbos frutos.

É o bardo scismador, linfático, plangente,  
Doce como o luar, negro como um abismo,  
O poeta que traz no coração doente  
A velha flor azul do sentimentalismo.

São os grandes leões devassos, petulantes,  
Manfredos imbecis, eróticos Mussets,  
Que expõem de madrugada as cartas das amantes  
Aos risos triviais nas mesas dos cafés.

É o sátiro Tartufo, o D. João viscoso  
O lobo sensual que habita a sacristia,  
E cujo o olhar faminto e o cujo olhar guloso  
É feito de luxúria, e treva, e covardia.

Tem todas as feições, ainda as mais vulgares;  
Usa indistintamente os fraques e as batinas;  
Anda por todo mundo, em todos os lugares,  
Desde o melhor palácio às últimas sentinas.

Penetra brandamente as vossas consciências,  
Aguilhoa, domina os vossos corações!  
É o verme do amor, subtil como as essências  
E forte como a garra adunca dos leões.

É o monstro que faz perder a cor às rosas  
Que sonham ao luar nevrálgico amores;  
E é ele que produz as chagas escrofulosas  
No mimoso setim das delicadas flores.

Como a ferrugem morde as espelhadas lanças,  
Assim êle conspurca os nobres caracteres;  
E à tarde, ao pôr do sol, muitíssimas crianças  
desfolham só por ele os brancos malmequeres...

E o destino cruel dessas visões inermes  
Resume-se afinal, pobres visões celestes!  
Em irem engordar os libertinos vermes,  
E fazerem crescer a rama dos ciprestes.

A morte de D. João  
(1874)